Diagrama

Descrição gerada automaticamente

**JOÃO VICTOR SOUZA CAMPOS**

**EM UM REINO NÃO TÃO DISTANTE...**

**CONTOS DE FADAS COMO PROCESSO DE LETRAMENTO LITERÁRIO**

Produto educacional apresentado como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ensino da Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Pará.

Área de Concentração: Práticas Pedagógicas: interfaces entre o ensino de Língua Portuguesa e suas literaturas.

Orientadora: Prof. Dra. Renilda do Rosário Moreira Rodrigues Bastos.

Belém–PA

2023

# **Apresentação**

Caro leitor, a presente sequência didática foi elaborada com o propósito de partilhar saberes docentes acerca do ensino de Literatura no Ensino Fundamental, tendo em vista a necessidade de modificar o tradicionalismo em que o texto literário é tratado nessa etapa do ensino. Assim, o trabalho traz atividades planejadas para que o(a) professor(a) possa utilizar em sala de aula com seus alunos, a partir do estudo dos contos de fadas clássicos como gênero textual.

Trata-se de um instrumento pedagógico que o(a) professor(a) poderá utilizar nas aulas de Língua Portuguesa, Literatura e Redação, que auxiliará no processo de ensino-aprendizagem.

A sequência didática foi produzida sob orientação da Prof. Dra. Renilda do Rosário Moreira Rodrigues Bastos, conforme as necessidades observadas em uma escola privada do município de Castanhal-PA.

No que diz respeito ao ensino de Literatura, a presente sequência didática está em consonância com a BNCC (2018) do Ensino Fundamental, especificamente com competências específicas, bem como com as habilidades que asseguram o tratamento da Literatura dentro da disciplina de Língua Portuguesa.

Cabe ressaltar que esta sequência didática foi pensada especificamente para o 6º ano do Ensino Fundamental da rede regular de ensino, todavia poderá ser utilizada em turmas de outras anos, desde que seja condizente com a proposta do(a) professor(a) regente, pois o intuito maior é propiciar ao aluno o contato com o universo maravilhoso dos contos de fadas clássicos e iniciar o processo de letramento literário.

**Sumário**

[Apresentação 3](#_Toc153477231)

[Como conheci os contos de fadas? 5](#_Toc153477232)

[1. A abordagem literária conforme a BNCC 6](#_Toc153477233)

[2. Referencial teórico 8](#_Toc153477234)

[2.1 Pondo os ingredientes no caldeirão 8](#_Toc153477235)

[2.2 Como a magia é tratada? 9](#_Toc153477236)

[2.3 Onde o encanto falhara? 10](#_Toc153477237)

[2.4 Acrescentando mais um ingrediente: a leitura 11](#_Toc153477238)

[3. Os contos de fadas 13](#_Toc153477239)

[3.1 Charles Perrault 14](#_Toc153477240)

[3.2 Os Irmãos Grimm 15](#_Toc153477241)

[3.3 Hans Christian Andersen 16](#_Toc153477242)

[3.4 Os desenhos também são encantadores... 17](#_Toc153477243)

[4. Para além do clássico... 18](#_Toc153477244)

[5. Em um reino não tão distante... Contos de fadas como processo de letramento literário 19](#_Toc153477245)

[7. E viveram felizes para sempre 28](#_Toc153477246)

[Referências 29](#_Toc153477247)

Como conheci os contos de fadas?

T

odo[[1]](#footnote-1) mundo já ouvira pelo menos um conto de fadas na vida... Essas histórias maravilhosas que começam com o famoso “Era uma vez...” e finalizam com “e viveram felizes para sempre”. Geralmente bem açucaradas, essas histórias fazem parte do universo infantil, e como a maioria das crianças, também fizeram parte do meu.

Lembro como se fosse ontem, quando a professora do jardim de infância nos reunia num círculo e nos contava incríveis histórias sobre animais que falavam, crianças que eram abandonadas em florestas ou que eram desobedientes e paravam para falar com estranhos que encontravam e que acabavam se dando mal... Lembro bem do medo que sentira da bruxa que poderia me transformar num sapo, assim como lembro bem da alegria que sentia quando uma princesa finalmente era resgatada, mas confesso que achava estranho o fato de alguém amar instantaneamente outra pessoa que acabara de ver, porém a professora sempre nos dissera que era amor à primeira vista – verdade inquestionável. Todavia, esse não fora o único contato que tive com os contos de fadas.

De quando em quando, a professora fazia algo que eu amava: levava uma televisão imensa, com rodinhas, para a sala de aula e colocava alguns filmes produzidos pelos estúdios *Disney* como *A Pequena Sereia*, *Cinderela*, *A Bela e a Fera*, *A Branca de Neve*, *O pinóquio* e muitos outros... Provavelmente devo ter assistido a todos os clássicos produzidos até então. Muitos anos depois, já na Faculdade de Letras, tive contato novamente com os contos de fadas através do mágico *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Aquilo me encantou a tal ponto de sentir a mais profunda necessidade de conhecer a fio aqueles seres encantados.

E foi aí que conheci a Santíssima Trindade dos contos maravilhosos: Perrault-Grimm-Andersen. É claro que há muitos outros compiladores ou escritores que não citei, e que têm tanta importância quanto estes, entretanto nestas breves páginas, me deterei ao ofício que eles tiveram no passado, com um diferencial: contarei suas histórias, não como um compilador, apenas como pesquisador, admirador e recriador. E a todos os contadores do passado, ainda que suas histórias possam ter sido marcadas pela triste penúria, na minha história – nas histórias que meus alunos conheceram e conhecerão – todos vocês sempre terão um lugar especial em nossos corações e aqui vocês viverão felizes para sempre.

Antes que esqueça, o amor pelos contos de fadas transfigurou-se nesta pesquisa, e seu encanto resultou num Produto Educacional chamado “Em um reino não tão distante” – onde a magia acontece – a escola. Também saliento que a pesquisa realizada foi subsidiada pelas ideias de Cosson (2021) acerca do letramento literário; Zilberman (2012), sobre a importância da leitura literária na escola; Abramovich (1997) que discute as práticas de leitura; Coelho (1987) sobre a conceituação do que é conto de fadas e dentre outros autores.

# **1. A abordagem literária conforme a BNCC**

Conforme aponta a literatura circulante, o ensino de Literatura no Ensino Fundamental da Educação Básica praticamente não existe, o que acontece, na realidade, são exercício de correção gramatical envolvendo excertos de textos literários, os quais normalmente são apresentados nos livros didáticos e/ou no quadro pelo professor.

A BNCC é o documento base da educação nacional que estabelece as competências e habilidades que os alunos devem adquirir gradativamente, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Assim, a Literatura está diluída dentro da disciplina de Língua Portuguesa. Posto isto, esta sequência didática pautar-se-á nas seguintes competências específicas para o ensino de Língua Portuguesa:

Quadro 01 – Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

|  |  |
| --- | --- |
| **Competência 3** | Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo (p. 87). |
| **Competência 8** | Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.) (p. 87). |
| **Competência 9** | Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (p. 87). |

Fonte: BNCC (2018).

No que tange ao Campo Artístico-literário, a BNCC (2018) visa possibilitar ao educando o contato com a arte literária, deixando claro que o professor de Linguagens deverá propiciar meios para que os alunos, do 6º ao 9 ano, de maneira geral, possam depreender o sentido do texto literário, assim como estimular a fruição literária. Dessa forma, o aluno poderá experimentar e experenciar os aspectos relacionados à arte e à literatura.

Quadro 02 – Campo Artístico-literário

|  |  |
| --- | --- |
| **EF69LP44** | Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (p. 157). |
| **EF69LP46** | Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, blogs e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, vlogs e podcasts culturais (literatura, cinema, teatro, música), playlists comentadas, fanfics, fanzines, e-zines, fanvídeos, fanclipes, posts em fanpages, trailer honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs (p. 157). |
| **EF69LP47** | Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos  personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo (p. 159). |
| **EF69LP49** | Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor (p. 159). |

Fonte: BNCC (2018).

Já no que concerne às habilidades específicas do 6º e 7º ano...

Quadro 03 – Habilidades específicas do 6º e 7º ano

|  |  |
| --- | --- |
| **EF67LP30** | Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto (p. 171). |
| **EF06LP11** | Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: tempos verbais, concordância nominal e verbal, regras ortográficas, pontuação etc. (p. 173). |
| **EF06LP12** | Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão referencial (nome e pronomes), recursos semânticos de sinonímia, antonímia e homonímia e mecanismos de representação de diferentes vozes (discurso direto e indireto) (p. 173). |

Fonte: BNCC (2018).

# **2. Referencial teórico**

# **2.1 Pondo os ingredientes no caldeirão**

A

magia ocorrera na Escola de Ensino Fundamental “Santa Teresinha”, localizada no município de Castanhal-PA, pertencente a rede privada de ensino. Escolhi este *lócus* por conta de ser meu local de trabalho, no qual foi possível realizar as observações necessárias para o desenvolvimento de um Produto Educacional que auxiliasse as aulas de Língua Portuguesa e Redação.

Os sujeitos da pesquisa, ou melhor, os aprendizes, foram os discentes da turma de 6º ano do Ensino Fundamental, pois suponho que o processo de letramento literário deva ocorrer no momento em que os alunos chegam no Ensino Fundamental II (séries finais – do 6º ao 9º ano).

O encanto tratou-se de uma pesquisa-ação, tendo por método a observação e abordagem quanti-qualitativa. A técnica para coleta dos dados foi direta, utilizando pesquisa de campo, questionário e produções semiótico-textual. Por intermédio do questionário etnográfico, foi possível revelar o nível de conhecimento dos alunos em relação ao gênero literário “conto de fadas”.

Os dados coletados foram qualitativos, isto é, representações semióticas (desenhos) relacionados às histórias e/ou personagens dos contos de fadas, bem como a tessitura deles, os quais foram apresentados em sala de aula; e quantitativos primários, em relação à quantidade de elementos semelhantes contidos nos questionários e nas produções semiótico-textuais.

A técnica de análise consistira em analisar as produções desenvolvidas em sala de aula, por via dos desenhos feitos pelos alunos e as (re)escritas dos contos de fadas clássicos em suas versões originais.

# **2.2 Como a magia é tratada?**

N

os reinos não tão distantes do Brasil afora, nossa magia, a literatura no Ensino Fundamental, ao longo dos anos, sempre foi diluída nas aulas de Língua Portuguesa das escolas brasileiras, isto é, fora tratada de maneira negligenciada, em que, na maioria das vezes, excertos descontextualizados são analisados na lousa e/ou nos livros didáticos, e devido a isso, o letramento literário tornou-se um processo bastante complexo por conta da falta da leitura ou, até mesmo, pela aversão a ela.

Além disso, o ensino da literatura na escola sempre foi pauta de inúmeras discursões no âmbito acadêmico, na maioria das vezes relacionadas ao que e como ensinar essa disciplina, contudo antes de se pensar em ensinar algo é necessário saber o que esse algo é, ou seja, o que é literatura.

A definição desse campo de estudo não é tão claro quanto as outras ciências, pois o seu objeto de investigação – o texto literário – não é tão fácil de se delimitar, ao passo que, ao fazer isso, geralmente implica noutra indagação: o que torna um texto literário? A esta pergunta normalmente, o professor da educação básica tende a respondê-la com os seguintes aspectos: texto com uso erudito na língua escrita, presença de ficcionalidade, texto canônico e mercadológico (Durão; Cechinel, 2022). Ora, tentar definir a literatura por meio desses aspectos acarreta um equívoco, uma vez que o aspecto que determina o que é literatura nada mais é do que sua literariedade[[2]](#footnote-2).

Ainda que o ensino de literatura esteja pautado em documentos oficiais como a LDB 9394/96, os PCNs (1999) e a BNCC (2018), ainda é um campo que está à margem no que concebe o ensino da língua. Na realidade, o que se nota é que este ensino está defasado, cristalizado, imbuído num tradicionalismo que mais atrapalha do que ajuda no processo de letramento literário, porque ao estudar apenas os aspectos tradicionais (como nome de obras canônicas, autores canônicos, períodos literários e suas características, além de pequenos excertos, sem a devida contextualização, sendo analisados em livros didáticos e/ou na lousa) o aluno deixa de experimentar a “cereja do bolo” – os sentidos do texto literário.

# **2.3 Onde o encanto falhara?**

A

literatura tornara-se um saber escolarizado, resumindo-se a caracterização de períodos literários e nomes de autores do cânone. Nessa perspectiva, a Literatura é vista como uma disciplina enfadonha, que ao invés de explorar todos os sentidos de uma obra literária, trata apenas de questões que deveriam estar em segundo plano. Na verdade,

A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (Cosson, 2021, p. 23).

Sendo assim, a literatura deve ser vista como uma expressão da realidade e dos condicionamentos presentes na sociedade, que por seu turno estabelecem uma relação dialética entre ela e o leitor.

Partindo dessa perspectiva, Barthes (1978, p. 17-18) corrobora ao afirmar que “É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real”.

Dessa forma, a escola deve(ria) estimular, seja de forma silenciosa, seja através da oralidade, a leitura literária, visto que essa prática propicia ao aluno um contato com o universo da literatura, a qual possibilita uma ampla significação do texto e do mundo, sendo assim,

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (Cosson, 2021, p. 30).

Esses aspectos relacionados aos tipos de leitura de textos literários de maneira direcionada em sala de aula ou autônoma têm a mesma função social: a natureza formativa do educando (Zilberman, 2012). Cabe, então, à escola e ao professor utilizarem a literatura como uma aliada no processo formação integral do aluno, pois é através da leitura literária que os discentes desenvolverão a consciência crítica em relação à sociedade a qual pertencem.

Isto posto, Cosson (2021) afirma que o letramento literário é a junção entre o prazer da leitura autônoma e a leitura direcionada, também podendo ser considerada um processo solitário, mas nunca deixando de ser solidário. Sendo assim, o autor afirma que

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse aprendizado crítico da leitura literária, que não faz sem o encontro pessoal com o texto enquanto princípio de toda experiência estética, é o que denominamos aqui de letramento literário (Cosson, 2021, p. 120).

Machado (2002) corrobora essa definição ao afirmar que

Ler uma narrativa literária (como ninguém precisa ensinar, mas cada leitor vai descobrindo à medida que se desenvolve) é um fenômeno de outra espécie. Muito mais sutil e delicioso. Vai muito além de juntar letras, formar sílabas, compor palavras e frases, decifrar seu significado de acordo com o dicionário. É um transporte para outro universo, onde o leitor se transforma em parte da vida de um outro, e passa a ser alguém que ele não é no mundo quotidiano (Machado, 2020, p. 77).

Sendo assim, utilizarei o conceito de Cosson (2021) e Machado (2002) como definição de letramento literário. Cabe ressaltar, no entanto, que esse processo vai além da simples leitura de textos literários. Ser letrado é fazer uso da literatura de maneira crítico-social, sem deixar de lado o aspecto fruitivo, autônomo, solidário e prazeroso proporcionados pela leitura.

# **2.4 Acrescentando mais um ingrediente: a leitura**

C

onforme a literatura, a leitura é um aspecto fundamental para a formação integral do ser humano, pois é por meio dela que o indivíduo consegue compreender e significar a sociedade a qual pertence.

Segundo Abramovich (1997, p. 16), “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...”. Partindo dessa perspectiva, o primeiro contato com o texto se dá oralmente, quando alguém conta uma história para a criança, normalmente contos de fadas ou mesmo histórias inventadas, podendo ter um ou vários personagens. A cada vez que uma história é contada, aumenta a vontade de conhecer mais e mais sobre aquelas narrativas, ou outras semelhantes, ou mesmo diferentes. O gosto pela leitura normalmente nasce assim, pela ânsia de mais conhecimento. Cada livro é um portal para um novo lugar. A leitura é a chave desse portal.

Logo, a leitura não deve ser vista apenas como um mero processo de decodificação, pois ela vai muito além do ato de decodificar algo, ela é capaz de abranger a significação e os sentidos presentes em um dado enunciado, isto é, possibilita a compreensão da mensagem codificada e sua interpretação.

Em vista disso, ao discutir sobre a leitura na escola, Abramovich (1997) apresenta ao leitor uma reflexão sobre as práticas escolares. E, segundo ela,

Tudo bem... A literatura infanto-juvenil foi incorporada na escola e, assim, imagina-se que – por decreto – todas as crianças passarão a ler... Até poderia ser verdade, se essa leitura não viesse acompanhada da noção de dever, de tarefa a ser cumprida, mas sim de prazer, de deleite, de descoberta, de encantamento (Abramovich, p. 140, 1997).

É preciso entender que a leitura não deve ser uma prática mecânica com data para iniciar ou terminar. Não é possível estipular o prazo da fruição. Cada criança, cada leitor, tem seu tempo para experimentar, experienciar, aproveitar a leitura. Essa prática deve ser prazerosa, não uma punição. Formar leitores é respeitar o tempo e ritmo de cada um. Formar leitores é permitir que a leitura os faça voar. Leitura é diversão.

Além disso, a autora afirma que

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo (Abramovich, p. 143, 1997).

A leitura possibilita conhecer. A partir dela, o aluno torna-se mais crítico em relação ao que leu, podendo ler mil vezes o mesmo texto por prazer, ou não querer mais contato com determinado texto poque não gostou. Essas percepções só são adquiridas no instante em que o leitor descobre a obra.

Isto posto, é possível afirmar que a leitura é um ato fundamental para a formação do ser humano, pois através dela, o homem é capaz de compreender os mecanismos discursivos presentes na sociedade, além de ser parte fundamental do processo de letramento. Ademais, para que ela seja uma prática atraente para os alunos é necessário que o professor propicie maneiras diversificadas de se abordar a leitura, levando em consideração seus aspectos literários, pedagógicos e sociais.

Infelizmente, a pedagogia tradicional acaba por negligenciar a leitura, pois dita normas de como, quando e onde fazê-la, bem como o que se tirar dela, e os alunos afastam-se do mundo mágico da literatura. Por esse motivo, a leitura na escola, quando não trabalhada de maneira que contemple os outros aspectos, além dos que são cobrados, tende-se a tornar uma prática enfadonha.

Outro aspecto importante e que está atrelado à leitura é a recepção do texto literário, em especial os contos de fadas. Textos esses que possibilitam ao leitor inúmeras interpretações, principalmente aqueles textos que não sofreram muitas adaptações a partir de Charles Perrault. São textos que apresentam uma atmosfera sombria, diferente do que se conhece na atualidade. Então, quando o estudante tem contato com esses textos, a curiosidade propicia interpretações, de acordo com o imaginário e abstração do leitor. Sendo assim,

[...] não se pode entender a hermenêutica literária fora do quadro da experiência propiciada pela obra de arte, quando acontece o efeito estético. Este, conforme se viu, compõe-se de dois fenômenos simultâneos: a compreensão fruidora e a fruição compreensiva. O prazer estético conta de antemão com um componente intelectual, a ser descrito por uma abordagem de tipo hermenêutico (Zilberman, 1989, p. 63-64).

A autora ainda ressalta que

Todavia, cumpre distinguir entre duas modalidades de relacionamento entre o texto e o leitor: de um lado, ao ser consumida, a obra provoca determinado efeito [*Wirkuns*] sobre o destinatário; de outro, ela passa por um processo histórico, sendo ao longo do tempo recebida e interpretada de maneiras diferentes – esta é sua recepção [*Rezeption*] (Zilberman, 1989, p. 64. Grifos da autora).

Dessa forma, a literatura infantil exerce um importante papel na formação do ser humano, porque permite à criança a possibilidade de percepções. A cada livro, uma nova aventura acontece. E tudo bem se não gostar de uma ou outra história. A literatura é infinita e há espaço para todos que queiram dela desfrutar.

# **3. Os contos de fadas**

H

avia vários textos ao longo da história da humanidade. Estes que se conhecem na atualidade como “contos de fadas” nasceram de um livro chamado *Contes de Fées* (1698), de Mme. D’Aulnoy. Logo, essa nomenclatura tornara-se popular pela França do século XVII, sendo assim, o título de um livro acabara nomeando todo um gênero literário. Ainda que nem todos os contos tragam a personagem “fada” em suas histórias, esse termo servira para classificar todas as histórias maravilhosas advindas da tradição oral camponesa e que foram compiladas e escritas por estudiosos como Charles Perrault, Os Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, dentre outros.

É importante destacar que para Coelho (1987), há uma diferença entre os Contos de Fadas e os Contos Maravilhosos. O primeiro, o Conto de Fadas, tem origem celta, podendo conter ou não a presença de fadas, mas sempre há a presença do maravilhoso, acontecendo no âmbito da magia feérica – com reis, rainhas, princesas, príncipes, ogros, fadas, bruxas, anões, gigantes etc. –, possuindo como eixo central uma problemática existencial, ou seja, as façanhas, os obstáculos ultrapassados, as provas vivenciadas estão fielmente ligados à união do herói e da heroína, do homem e da mulher. Já o segundo, o Conto Maravilhoso, origina-se das narrativas orais orientais, sem a presença de fadas, que acontecem no cotidiano mágico – com a presença de objetos mágicos, gênios, duendes, animais falantes, com tempo e espaço social familiar e/ou reconhecível –, possuindo como eixo central uma problemática social, isto é, associada à vida cotidiana concreta, geralmente ligada à autorrealização socioeconômica do herói ou anti-herói.

Cabe ressaltar que por mais exatas que sejam as versões escritas dos contos de fadas, elas não podem transmitir para o leitor todas as cargas semânticas que devem ter dado vida às histórias maravilhosas do século XVII, pois elementos como as pausas dramáticas, os gestos utilizados para criar cenas, a entonação da voz e os sons para pontuar certas ações são perdidas no momento em que perpassam da tradição oral para a escrita (Darnton, 2021).

Sendo assim, ao partir de uma problemática da realidade, os contos de fadas possibilitam às crianças adentrarem no universo maravilhoso para buscarem soluções para as questões relacionadas à sociedade, sem deixar de lado o aspecto principal: a fantasia. Além disso, eles proporcionam a (re)descoberta de sua identidade infantil e asseguram uma vida feliz apesar das possíveis adversidades (Nóbrega, 2009).

Há outro aspecto a ser tratado: Os contos de fadas são considerados clássicos. Além disso, poucas histórias alcançaram o patamar de universal. Entretanto, esses clássicos estão à margem do cânone literário, o que, consequentemente, nos leva a duas possíveis razões: a) essa literatura é inferior porque são destinadas ao público infantil; b) porque são destinadas ao público infantil, essa literatura é inferior. Seja qual das razões, ambas estão equivocadas e repletas de preconceito velado. O leitor infantil é tão sapiente quanto o leitor adulto. Na verdade, a criança consegue abstrair conceitos, ideias, mensagens que os olhos adultos jamais conseguirão, pois seus olhos estão imaculados, enleados pela fantasia. Por isso, são descabidas as versões politicamente corretas dos contos de fadas. Na verdade, toda “literatura” que sofre esse expurgo, em nome do moralismo, da didática, da pedagogia, acarreta num aviltamento da sua beleza literária. A exemplo disso, “não atire o pau no gato...” não possui a mesma expressividade de “atirei o pau no gato...” (Machado, 2002). A literatura educa por ela mesma, não há necessidade de moralismo.

# **3.1 Charles Perrault**

E

ra uma vez um senhor acadêmico francês e burguês que fora considerado pai dos contos de fadas franceses, seu nome era Charles Perrault (1628-1703). Ele decidira escrever contos maravilhosos que encantaram a imaginação de várias pessoas e que continuam encantando até os dias de hoje.

Mas, em uma das sessões da Academia Francesa houve uma briga que ficara conhecida como A *Querelle* entre *les Anciens et les Modernes,* em outras palavras, uma “contenda literária que visaria a determinar qual das duas culturas, a antiga – dos gregos e romanos – ou a moderna – cristã, francesa e organizada em torno do rei –, deveria ser considerada a mais importante” (Bueno-Ribeiro, 2016, p. 22), tudo graças a um desentendimento entre Nicolas Boileau-Despréaux e Racine com Charles Perrault durante a leitura de um conto *A Marquesa de Salusses ou Paciência de Grisélidis*. Durante essa confusão, Boileau-Despréaux e Racine foram considerados antigos e Perrault moderno. A história conta que fora justamente por causa dessa posição que Perrault utilizara as narrativas do folclore francês como base para a escrita de seus contos.

Na verdade, ele se interessara pelos relatos maravilhosos, pertencentes ao folclore, e se propõe a redescobri-los (Coelho, 1987). Desse modo, ele acreditava que o modelo greco-romano de literatura deveria ser deixado de lado, e apostara em um modelo maravilhoso cristão. Fazendo jus ao título, Perrault soubera belamente atualizar a tradição greco-romana, substituindo os deuses da mitologia antiga por seres maravilhosos como fadas e ogros (Bueno-Ribeiro, 2016).

Seus contos, coletados da tradição oral de povos camponeses, foram divulgados entre os nobres da corte francesa, pois era amigo do rei Luís XIV. Inicialmente, ele escrevera contos em versos e *Pele de Asno* (1694) fora seu último escrito assim. Após esse conto, começara a escrever em prosa, e é nesse momento que nasce *A Chapeuzinho Vermelho* (*Le Petit Chaperon Rouge*), *O Gato de Botas* (*Le Maitre Chat Botté*), *O Pequeno Polegar* (*Le Petit Poucet*), dentre outros contos que fazem parte de sua coletânea, marcando o que se conhece hoje por Literatura Infantil, visto que fora endereçado às crianças (Bastos, 2015). Mesmo sendo direcionado às crianças, os contos de fadas apresentavam muita violência, maldade e crueldade, pois a concepção de “criança” na Idade Média era bem diferente da atualidade. Noutras palavras, por meio do “terror” acreditava-se “educar” os adultos em miniatura.

Após os acontecimentos da *Querelle*, Perrault lança uma antologia de contos chamada *Contos ou Histórias do tempo passado, com suas moralidades* (1697), e que posteriormente fora rebatizado de *Histórias da Mamãe Gansa,* assinada por seu filho caçula, Pierre Darmancour, cujo teor dos contos pautava-se na moralidade da educação de jovens, sendo, portanto, uma maneira de afrontar Boileau (Bueno-Ribeiro, 2016).

# **3.2 Os Irmãos Grimm**

E

ra uma vez dois irmãos, os alemães Jakob Ludwig Karl (1785-1863) e Wilhelm Karl (1786-1859), conhecidos como os irmãos Grimm. Os dois jovens, ao conhecerem em demasia a Literatura popular espanhola, sentiram a necessidade de conhecer a Literatura popular alemã, por isso começaram a estudá-la.

Os irmãos começaram seu trabalho de coleta no ano de 1806. Já em 1810, por conta de alguns problemas de saúde e financeiro, Jakob teve de trabalhar como bibliotecário particular, onde pôde ter contato com a literatura. Posteriormente, em 1812, os irmãos conseguiram publicar a primeira edição de *Kinderund Hausmärchen*. Segundo Darnton (2021), os Grimm não recolheram seus contos da tradição oral, mas leram de livros escritos por Perrault, d’Aulnoy dentre outros escritores. Entretanto, alguns estudiosos afirmam que os irmãos Grimm manipulavam as histórias oriundas das tradições orais (Bastos, 2015).

Por esse motivo, a primeira edição de seus contos de fadas apresenta narrativas muito semelhantes às de Perrault, com um toque particular alemão para “diferenciá-las”: as moralidades ficaram incrustadas na estrutura de suas histórias, além disso, muitas ganharam um tom mais açucarado por se tratar de histórias infantis. Tal tom açucarado se deve ao fato de que mudou a concepção de “criança”, ou seja, ela não mais era vista como um adulto em miniatura, como na Idade Média, mas uma pessoa que está nas primeiras etapas do desenvolvimento.

Ainda que os contos de fadas dos Grimm sejam uma “adaptação” dos contos de Perrault, não dá para negar que seu trabalho foi fundamental para a formulação do imaginário de quem conta e de quem ouve os contos, ou melhor, do contador de histórias e da criança que ouve, uma vez que essa tradição foi essencial para o desenvolvimento da literatura infanto-juvenil.

# **3.3 Hans Christian Andersen**

E

m um reino muito distante, o dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875) fora considerado um célebre escritor e que deixara uma grande obra literária, a qual encantou inúmeras pessoas tanto passado quanto no presente.

Mas nem sempre fora assim: quando publicara seus primeiros contos, os críticos enxovalharam de comentários ríspidos e maldosos, que fizeram com que ele quase desistisse de publicar seus contos, ainda que a população os recebesse de bom grado. Só muito tempo depois, recebera seu devido prestígio.

Suas obras transitam pela tradição oral e a escrita, pois além de contador de histórias ele também as escrevia. Não é à toa que seus contos de fadas são muitos famosos na atualidade.

Seus contos mais famosos são: *O patinho feio*, *O rouxinol e o imperador*, *O soldadinho de chumbo*, *A pequena sereia*, *Os sapatinhos vermelhos*, *A rainha das neves*, *O companheiro de viagem*, dentre outros. Suas produções totalizam cerca de 160 (cento e sessenta) contos publicados.

Sem dúvida, dentre os três artistas do universo dos contos de fadas, citados anteriormente, Andersen fora quem melhor experenciara as possibilidades de criação, uma vez que compilara e contara os contos já existentes, assim como criara suas próprias narrativas, de acordo com o contexto sociocultural a qual pertencia (Bastos, 2015). Não é à toa que no dia 02 de abril é comemorado o Dia Internacional do Livro Infantil, em alusão à data de nascimento de Andersen.

# **3.4 Os desenhos também são encantadores...**

A

natureza semiótica é algo atrativo nos contos de fadas, sejam nos clássicos ou mesmo nos contemporâneos, dado que esse gênero é, essencialmente, incorporado à literatura infanto-juvenil, e as representações iconográficas (ilustrações) possibilitam ao leitor adentrar, imaginar, visualizar a narrativa maravilhosa apresentada no texto literário.

Posto isto, Santaella (2008), ao basear-se nos postulados de Pierce, afirma que a Semiótica é a ciência dos signos, ou melhor, ciência de todas as linguagens, sendo elas: verbal, não verbal, gestual, imagética, musical etc. Ora, essas linguagens compõem todas as percepções presentes nas mais variadas formas de representar e significar o mundo.

Nesse trabalho será adotada a definição de signo postulada por Pierce e discutida por Santaella (2008), e segundo o qual

[...] o signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade (Santaella, 2008, p. 12).

Essa definição corrobora a ideia de que a semiótica está presente em todas as manifestações sígnicas, visto que todas as linguagens são compostas por signos. Partindo, então, desse pressuposto, as ilustrações presentes nos contos de fadas são compostas por inúmeros signos, os quais representam os locais, os personagens, as histórias contidas nesse universo maravilhoso denominado “conto de fadas”, conforme a imagem a seguir a título de exemplo.

Imagem 01 – ***Le Petit Chaperon rouge*** (*Chapeuzinho Vermelho*)

Imagem em preto e branco de bebê deitado

Descrição gerada automaticamente com confiança baixa

Fonte: https://tarjapretarte.wordpress.com/2011/09/01/ilustracoes-do-original-de-gustave-dore-para-os-contos-de-perrault/

Como é possível observar, a ilustração consegue transmitir para o leitor parte dos acontecimentos presentes no conto *Chapeuzinho vermelho* sem que sejam necessárias as descrições oriundas das linguagens escritas. Logo, é possível compreender e, até mesmo, (re)criar o conto utilizando o princípio fundamental do signo, como mencionado anteriormente. Por esse motivo é comum, na infância, as crianças lerem livros puramente imagéticos, sem a presença de elementos codificados, e nem por isso deixam de compreender as mensagens contidas nesses tipos de livros. Isso acontece por conta de a imagem ser um signo, que por sua vez representa algo, e, este representar é capaz de fazer com que o leitor crie uma imagem mental acerca do que está sendo observado. Daí a importância das ilustrações dentro da literatura infanto-juvenil.

# **4. Para além do clássico...**

O

s contos de fadas clássicos são os alicerces da minha pesquisa de mestrado, mas não poderia deixar de mencionar, ainda que o faça brevemente, os contos de fadas da atualidade[[3]](#footnote-3).

Gostaria de começar por *Árvore e folha*, de J. R. R. Tolkien (1964)[[4]](#footnote-4). Neste ensaio, Tolkien apresenta a atmosfera feérica dos contos de fadas, embora ele denomine como “estórias de fadas”, os elementos maravilhosos desse mundo que está para além do nosso, revela-se como plano de fundo de suas criações famosíssimas. Em suas páginas, além da descrição de Feéria, o autor discorre sobre os contos de fadas não serem um gênero puramente infantil e faz uma ácida crítica a C. S. Lewis, que curiosamente utiliza os mesmos elementos em algumas de suas criações literárias. Nessa amalgama de elementos feéricos, encontra-se brilhantemente também J. K. Rowling, ao criar *Harry Potter e a pedra filosofal* (1997)[[5]](#footnote-5). Mesmo que se trate de *best sellers*, esses escritores, utilizaram, em menor ou maior grau, os elementos maravilhosos dos contos de fadas, por esse motivo chamarei suas obras de histórias de fadas.

Em nossa terra, outra brilhante escritora também criara seus contos de fadas: Marina Colassanti. De um ponto de vista feminista, tratando de temas sociais, Marina Colassanti encanta seus leitores com narrativas que remetem à Idade Média, sem deixar de lado sua sensibilidade e maestria. Em destaque, sua coletânea *Mais de 100 histórias maravilhosas* (2015)[[6]](#footnote-6), reúne trabalhos de mais de três décadas.

Na mesma pegada, com um viés feminista, Angela Carter também se destacara na contemporaneidade com a criação de seus contos de fadas, publicados em duas coletâneas sobre os títulos *The Virago book of fairy tales* (1990) e *The second Virago book of fairy tales* (1992)[[7]](#footnote-7).

É claro que não poderia faltar a menina que fica amarela de medo, que tem medo de tudo, até medo de sentir medo. Chico Buarque criara uma chapeuzinho brasileira, ou melhor, *Chapeuzinho Amarelo* (1970)[[8]](#footnote-8), que encanta até hoje inúmeros leitores.

Pedro Bandeira não quisera ficar para trás, ilustríssimo escritor, publicara *O Fantástico Mistério de Feiurinha* (1986), cuja narrativa trata do desaparecimento de uma princesa chamada Feiurinha. Por conta desse acontecimento, as principais princesas dos contos de fadas clássicos se reúnem para tentar encontrá-la. Algo um tanto quando parecido que ocorre em um filme dos estúdios *Disney*, em *Wi-fi Ralph: Quebrando a Internet* (2018).

E o que falar de Ruth Rocha? Brilhantíssima escritora, também lançara mão do “era uma vez”, criando *O Reizinho mandão* (1973)[[9]](#footnote-9) e *Procurando Firme* (1984)[[10]](#footnote-10). O primeiro conta a história de um príncipe mimado que assumira o trono e criara leis descabidas. Já o segundo conta a história de dois irmãos, um príncipe e uma princesa, que fizeram tudo o que a tradição mandava, tendo um narrador que dialoga, o tempo todo, com o leitor.

É cabível citar, também, as histórias infantis *Pinóquio*, *A bela e a fera*, *Peter Pan*, dentre muitos outros, cujas narrativas possuem elementos oriundos dos contos de fadas clássicos, ainda que não possuam a estrutura do gênero literário conto.

Sem dúvida, os contos de fadas clássicos serviram e ainda servirão de inspiração para a criação de novas histórias, que possibilitaram e possibilitarão o encanto de inúmeros leitores no Brasil e no Mundo.

Ainda há muitas e muitas histórias e contos de fadas para descobrir. Temo que uma vida não seja suficiente para tal façanha.

# **5. Em um reino não tão distante... Contos de fadas como processo de letramento literário**

C

onsiderando a duração de cada aula com cinquenta minutos, a presente sequência didática abrange oito encontros, totalizando treze horas, trinta e três minutos e três segundos.

A avaliação deverá ser realizada ao término das atividades descritas nesta sequência didática.

É importante que em todos os encontros, o(a) professor(a) leve para sala de aula livros de contos de fadas, para que os alunos tenham contato com o universo da literatura.

**ATIVIDADE 01**

Título: Conhecendo o gênero textual “Conto de Fadas”

Duração: 02 (duas) aulas de 50 (cinquenta) minutos, totalizando 100 (cem) minutos.

Conteúdo: Gênero Textual “Conto de Fadas”.

Público: 6º ano do Ensino Fundamental.

Materiais: Quadro branco, pincel para quadro branco, projetor[[11]](#footnote-11) e livros de contos de fadas.

Objetivo: Compreender o que é o gênero textual “Conto de fadas”.

Desenvolvimento da atividade

Aula 01 (50min): Inicialmente, o(a) professor(a) deverá iniciar a atividade com a leitura de um Conto de Fadas. Como sugestão, poderá utilizar *A Moça Tecelã*, de Marina Colassanti. Após a leitura, ele(a) suscitar o questionamento em sala de aula: “O que é conto de fadas?”. Obviamente, os estudantes darão inúmeras respostas, citando até mesmo exemplos, e a partir daí o(a) professor(a) iniciará uma pequena conversa com os educandos, fazendo as mediações que se fizerem necessárias.

Aula 02 (50min): Após o momento de conversa, o(a) professor(a) deverá utilizar o quadro para enumerar os contos de fadas apresentados pelos alunos, bem como os personagens, as características e os aspectos presentes nas histórias. Após, ele(a) poderá usar o projetor para mostrar algumas ilustrações dos contos de fadas clássicos (desenhadas por Gustave Doré), conforme a imagem 01. Por fim, ele(a) deverá mostrar os livros, nos quais os contos citados pelos alunos estão contidos. Ressalta-se que esse passo é de suma importância, visto que ao mostrar o livro, deixar os educandos terem contato com os livros os estimulará, ainda que minimamente, a querer conhecer mais sobre essas histórias, ou seja, eles tendem a querer lê-las.

Imagem 02 - ***Le Maître chat ou le Chat botté***(*O Gato de Botas*)



Fonte: Imagem disponível em: <https://tarjapretarte.wordpress.com/2011/09/01/ilustracoes-do-original-de-gustave-dore-para-os-contos-de-perrault/>[[12]](#footnote-12)

O quadro 04 apresenta os Contos de Fadas que foram trabalhos pelo autor desta sequência didática e que podem servir de sugestão para os demais professores que aplicarem este Produto Educacional nas suas salas de aula.

Quadro 04 – Sugestão de Contos de Fadas para a aplicação do Produto Educacional

|  |  |
| --- | --- |
| **Contos de Fadas** | **Autor** |
| A Bela adormecida no Bosque | Charles Perrault |
| Chapeuzinho Vermelho | Charles Perrault |
| Barba Azul | Charles Perrault |
| Mestre Gato ou Gato de Botas | Charles Perrault |
| As fadas | Charles Perrault |
| Cinderela ou Pequena Pantufa de Vidro | Charles Perrault |
| Riquê do Topete | Charles Perrault |
| O Pequeno Polegar | Charles Perrault |
| João e Maria | Irmãos Grimm |
| Chapeuzinho Vermelho | Irmãos Grimm |
| Barba Azul | Irmãos Grimm |
| O Gato de Botas | Irmãos Grimm |
| A Branca de Neve | Irmãos Grimm |
| Rapunzel | Irmãos Grimm |
| A Gata Borralheira | Irmãos Grimm |
| O Patinho Feio | Hans Christian Andersen |
| A Pequena Sereia | Hans Christian Andersen |
| A Roupa Nova do Imperador | Hans Christian Andersen |
| O Rouxinol | Hans Christian Andersen |
| A Rainha da Neve | Hans Christian Andersen |
| A Pequena Vendedora de Fósforos | Hans Christian Andersen |
| Quem Foi a Mais Feliz? | Hans Christian Andersen |
| O Soldadinho de Chumbo | Hans Christian Andersen |
| A Moça Tecelã | Marina Colassanti |
| O Rosto Atrás do Rosto | Marina Colassanti |

Fonte: O autor (2023).

**ATIVIDADE 02**

Título: Um pouco mais sobre o gênero textual “Conto de Fadas”.

Duração: Duração: 02 (duas) aulas de 50 (cinquenta) minutos, totalizando 100 (cem) minutos.

Conteúdo: Gênero Textual “Conto de Fadas”.

Público: 6º ano do Ensino Fundamental.

Materiais: Quadro branco, pincel para quadro branco, projetor, livros de contos de fadas.

Objetivo: Analisar a estrutura do gênero textual “Conto de fadas”.

Desenvolvimento da atividade

Aula 01 (50min): Nesta aula, o(a) professor(a) deverá rememorar os aspectos discutidos nas aulas anteriores. Além disso, ele(a) deverá colocar no quadro a conceituação desse gênero textual e a descrição da estrutura desse texto literário para que os alunos registrem em seus cadernos. Após, poderá passar um pequeno vídeo, conforme mostra a imagem 02, falando sobre esse gênero textual, conforme a imagem a seguir.

Imagem 03 – Vídeo sobre o gênero literário “Contos de Fadas”

Tela de celular com publicação numa rede social

Descrição gerada automaticamente

Fonte: Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gx_SiKnfckw>

Aula 02 (50min): Esse momento da aula será destinado à leitura do(a) professor(a) sobre um dado conto de fadas a seu critério, contido em um dos livros de contos apresentados em sala de aula. É fundamental esse momento de escuta, pois os alunos, por intermédio do(a) professor(a) adentrarão no universo maravilhoso dos contos de fadas. Ao término, sugere-se que o professor pergunte para os alunos: Quais eram os personagens da história? Onde se passa a história? A história tem um tempo cronológico ou psicológico? Qual é o clímax? O que acontece ao final da história? Tais perguntas, ainda que mínimas, estimulam o aluno a compreender os elementos que formam a narrativa. Não esqueça de solicitar que os alunos escrevam suas respostas no caderno, para que sirva de registro para estudos posteriores.

**ATIVIDADE 03**

Título: Oficina de leitura literária dos Contos de Fadas (parte I)

Duração: Duração: 02 (duas) aulas de 50 (cinquenta) minutos, totalizando 100 (cem) minutos.

Conteúdo: Gênero Textual “Conto de Fadas”.

Público: 6º ano do Ensino Fundamental.

Materiais: Livros de contos de fadas e/ou cópias dos contos de fadas e/ou apostilas, dicionário.

Objetivo: Realizar a leitura dos contos de fadas.

Desenvolvimento da atividade

Aula 01 (50min): Nesta aula o(a) professor(a) deverá dividir a turma em grupos de 04 (quatro) ou 06 (seis) alunos, podendo variar, de acordo com o quantitativo de alunos na turma. Feita a divisão, ele(a) deverá entregar um conto de fadas para cada dupla, de modo que nenhum aluno fique sem o material. Recomenda-se que o(a) professor utilize materiais (livros, cópias de contos ou apostilas) ilustrados, para que os discentes possam visualizar e melhor assimilar as mensagens contidas nos textos literários. A leitura deverá ser feita de maneira silenciosa. Conforme os grupos terminem suas leituras, os contos deverão ser trocados com os demais colegas.

Aula 02 (50min): Nesse momento de leitura, o(a) professor(a) deverá auxiliar os alunos, isto é, tirar quaisquer eventuais dúvidas, assim como não permitir que inicie conversas paralelas, para que a turma não fique dispersada e perca o foco da leitura. O(a) professor(a) deverá disponibilizar exemplares de dicionários, para que os estudantes possam consultar os significados de palavras desconhecidas aos seus vocabulários. Se possível, recomenda-se que os alunos levem para casa cópias dos contos de fadas, para que a leitura se torne uma prática desenvolvida dentro e fora da escola.

**ATIVIDADE 04**

Título: Oficina de leitura literária dos Contos de Fadas (parte II)

Duração: Duração: 02 (duas) aulas de 50 (cinquenta) minutos, totalizando 100 (cem) minutos.

Conteúdo: Gênero Textual “Conto de Fadas”.

Público: 6º ano do Ensino Fundamental.

Materiais: Livros de contos de fadas e/ou cópias dos contos de fadas e/ou apostilas, dicionário.

Objetivo: Realizar a leitura dos contos de fadas.

Desenvolvimento da atividade

Aula 01 (50min): Assim como nas aulas anteriores, o(a) professor(a) deverá dividir a turma em grupos de 04 (quatro) ou 06 (seis) alunos, podendo variar, de acordo com o quantitativo de alunos na turma. Feita a divisão, ele(a) deverá entregar um conto de fadas para cada dupla, de modo que nenhum aluno fique sem o material e não repita os mesmos contos já lidos. Recomenda-se que o(a) professor utilize materiais (livros, cópias de contos ou apostilas) ilustrados, para que os discentes possam visualizar e melhor assimilar as mensagens contidas nos textos literários. A leitura deverá ser feita de maneira silenciosa. Conforme os grupos terminem suas leituras, os contos deverão ser trocados com os demais colegas.

Aula 02 (50min): Nesse momento de leitura, o(a) professor(a) deverá auxiliar os alunos, isto é, tirar quaisquer eventuais dúvidas, assim como não permitir que inicie conversas paralelas, para que a turma não fique dispersada e perca o foco da leitura. O(a) professor(a) deverá disponibilizar exemplares de dicionários, para que os estudantes possam consultar os significados de palavras desconhecidas aos seus vocabulários. Se possível, recomenda-se que os alunos levem para casa cópias dos contos de fadas, para que a leitura se torne uma prática desenvolvida dentro e fora da escola.

**ATIVIDADE 05**

Título: Igual à Perrault, Grimm e Andersen: Momento de produção textual do gênero “Conto de Fadas”.

Duração: Duração: 02 (duas) aulas de 50 (cinquenta) minutos, totalizando 100 (cem) minutos.

Conteúdo: Gênero Textual “Conto de Fadas”.

Público: 6º ano do Ensino Fundamental.

Materiais: Quadro branco, pincel para quadro branco, projetor, livros de contos de fadas, papel em branco A4, caneta azul ou preta.

Objetivo: Produzir um texto conforme a estrutura do gênero textual “Conto de fadas”.

Desenvolvimento da atividade

Aula 01 (50min): O(a) professor(a) deverá rememorar com os alunos os contos de fadas apresentados em sala de aula e a estrutura desse gênero textual. Feito isto, ele(a) deverá entregar aos alunos algumas folhas A4 em branco e solicitar que eles produzam um texto de maneira adaptada para a atualidade e sociedade a qual pertencem. Todas as instruções poderão ser colocadas no quadro ou projetas com auxílio do projetor.

Aula 02 (50min): O tempo destinado à aula será utilizado para a produção textual. Ao término, o(a) professor(a) deverá recolher todas as produções textuais. Caso os alunos não consigam terminar em sala de aula, recomenda-se permitir que eles levem para casa e entreguem na próxima aula.

**ATIVIDADE 06**

Título: Como Gustave Doré: Momento de produção semiótica do gênero “Conto de Fadas”.

Duração: Duração: 02 (duas) aulas de 50 (cinquenta) minutos, totalizando 100 (cem) minutos.

Conteúdo: Gênero Textual “Conto de Fadas”.

Público: 6º ano do Ensino Fundamental.

Materiais: Quadro branco, pincel para quadro branco, projetor, livros de contos de fadas, papel em branco A4, lápis, caneta azul ou preta, lápis de cor.

Objetivo: Representar, por meio da semiótica, o gênero textual “Conto de fadas”.

Desenvolvimento da atividade

Aula 01 (50min): Nesta aula, o(a) professor(a) deverá rememorar os contos de fadas apresentados nas aulas anteriores e devolver as produções textuais feitas pelos alunos para seus respectivos donos. Feito isto, ele(a) deverá entregar folhas A4 em branco para que os alunos façam a representação através de desenhos, os quais devem dialogar com as histórias produzidas na aula anterior. Recomenda-se que todos os desenhos sejam coloridos.

Aula 02 (50min): O tempo destinado à aula será utilizado para a produção semiótica. Ao término, o(a) professor(a) deverá recolher todas as produções feitas pelos alunos. Caso os alunos não consigam terminar em sala de aula, recomenda-se permitir que eles levem para casa e entreguem na próxima aula. Recomenda-se, também, que o(a) professor(a) indique as partes do texto que os alunos irão ilustrar, como por exemplo: o início da história, o meio e o fim.

**ATIVIDADE 07**

Título: Revisão sobre o gênero textual “Conto de Fadas”.

Duração: Duração: 02 (duas) aulas de 50 (cinquenta) minutos, totalizando 100 (cem) minutos.

Conteúdo: Gênero Textual “Conto de Fadas”.

Público: 6º ano do Ensino Fundamental.

Materiais: Quadro branco, pincel para quadro branco, projetor, livros de contos de fadas.

Objetivo: Rever o conceito e estrutura do gênero textual “Conto de fadas”, bem como rememorar as histórias maravilhosas apresentadas em sala de aula.

Desenvolvimento da atividade

Aula 01 (50 min): Nesta aula, o(a) professor(a) deverá rememorar o conceito do gênero textual “conto de fadas”, assim como sua estrutura.

Aula 02 (50min): Ele(a) deverá rememorar os contos de fadas apresentados aos alunos. Recomenda-se, se possível, que o(a) professor(a) faça a leitura de outros contos que não foram trabalhados em sala de aula. Após, recomenda-se que o(a) professor(a) pergunte à turma sobre quem gostaria de ler um conto de fadas em voz alta, para todos, para estimular a leitura literária.

**ATIVIDADE 08**

Título: O que nós aprendemos? Avaliação.

Duração: Duração: 02 (duas) aulas de 50 (cinquenta) minutos, totalizando 100 (cem) minutos.

Conteúdo: Gênero Textual “Conto de Fadas”.

Público: 6º ano do Ensino Fundamental.

Materiais: Quadro branco, pincel para quadro branco, projetor, livros de contos de fadas, papel em branco A4, lápis, caneta azul ou preta, lápis de cor.

Objetivo: Avaliar por meio da oralidade e/ou escrita o que foi alcançado em relação ao gênero textual “Conto de fadas”.

Desenvolvimento da atividade

Aula (01): Caso o(a) professor(a) queira avaliar os alunos por meio da oralidade, sugere-se que ele(a) divida a turma em duas equipes: A e B. Ele(a) deverá levar um quantitativo de perguntas relacionadas ao gênero estudado e fazê-las em voz alta, a equipe que levantar a mão primeiro e responder corretamente marcará o primeiro ponto. Caso a resposta dada seja incorreta, a pontuação irá para o time adversário. Assim, sucessivamente até que todas as perguntas sejam respondidas. Faz-se necessário que o professor anote o quantitativo de pontos e atribua-os aos alunos. Caso opte em avaliá-los de maneira escrita, ele(a) poderá desenvolver um questionário com perguntas objetivas ou subjetivas, para testar o nível de conhecimento adquirido no decorrer das aulas.

Aula (02): O tempo desta aula deverá ser utilizados para uma das opções de avaliações acima.

**SUGESTÃO DE ATIVIDADE PARA CASA**

Após o término das atividades desta sequência didática, o(a) professor(a) poderá solicitar aos alunos que assistam ao filme Shrek (1 e 2) em casa, para que eles vejam as representações de alguns contos de fadas de maneira incomum ao que a Literatura concebe. Cabe destacar que o próprio longa, em si, é uma representação incomum dos contos de fadas clássicos e esses aspectos “diferentes” podem ser explorados pelo(a) professor(a) em sala de aula.

Imagem 04 – Filme Shrek



Fonte: Dublagem Wiki[[13]](#footnote-13)

Além disso, por se tratar de alunos do 6º ao 9º, que estão saindo da fase infantil para o início da adolescência e estarem imersos na cultura digital, sugiro a(o) professor(a) que aplicará este Produto Educacional alguns títulos mais visuais, que vão além texto escrito e que podem ser explorados de acordo com o planejamento, tempo e necessidade do(a) professor(a).

Quadro 05 – Sugestões de títulos

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Obra** | **Gênero** | **Onde encontrar** |
| Harry Potter e a pedra filosofal (2001) | Filme | Plataformas de *streams* |
| O Senhor dos Anéis (2002) | Filme | Plataformas de *streams* |
| As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa (2005) | Filme | Plataformas de *streams* |
| Peter Pan (2005) | Filme | Plataformas de *streams* |
| Alice no País das Maravilhas (2010) | Filme | Plataformas de *streams* |
| Enrolados (2011) | Filme | Plataformas de *streams* |
| Malévola (2014) | Filme | Plataformas de *streams* |
| A Bela e a Fera (2017) | Filme | Plataformas de *streams* |
| Pinóquio (2022) | Filme | Plataformas de *streams* |
| A Pequena Sereia (2023) | Filme | Plataformas de *streams* |

Fonte: O autor (2023).

**OS DADOS OBTIDOS**

Com os dados obtidos com esta sequência didática, o(a) professor(a) poderá utilizar as produções textuais desenvolvidas pelos alunos e as produções semióticas para compor uma coletânea, a posteriori, fazendo a organização, a edição[[14]](#footnote-14) e as correções ortográficas que se fizerem necessárias, conforme mostra a imagem a seguir.

Imagem 05 – Coletânea de Contos de Fadas produzida com as produções textuais dos alunos do 6º ano.

**Diagrama

Descrição gerada automaticamente**

Fonte: O autor (2023).

Os contos presentes na coletânea são produções exclusivas dos alunos. Os textos passaram por uma seleção e correção gramatical para compor a obra.

7. E viveram felizes para sempre

A

investigação que embasou esta pesquisa buscara corroborar com o processo de letramento literário por via dos contos de fadas clássicos, tendo como auxílio uma Sequência Didática como Produto Educacional do mestrado profissional.

Conforme exposto, para as crianças, os contos de fadas representam o limiar entre o real e o maravilhoso, uma vez que o folclore, de onde nascem os contos de fadas, é a representação maravilhosa da realidade.

Ainda que a literatura seja negligenciada no Ensino Fundamental é preciso que o trabalho com o texto literário vá além das leituras e análise de excertos descontextualizados em livros didáticos e/ou na lousa, uma vez que essa maneira tradicional de ensinar literatura em nada comtempla o texto propriamente dito, suas mensagens, seu sentido é totalmente deturpado. Assim, faz-se necessário um trabalho diferenciado para que o aluno não crie uma aversão à leitura literária.

É nesse sentido que entra o letramento literário como uma prática contínua, pois tendo o material didático-metodológico necessário e a mediação do professor, esse processo poderá se tornar prazeroso, desde que respeitado os limites e as dificuldades que os alunos possam apresentar, uma vez que o desenvolvimento dessa prática varia de acordo com o indivíduo. A leitura do texto literário deve ser prazerosa, sem data de validade, sem cobranças, cada um no seu ritmo, permitindo com que o aluno se encontre na leitura.

Além da leitura, é contemplada a escrita, bem como a compreensão dos mecanismos discursivos presentes nos textos e que auxiliarão na formação integral do aluno.

No tocante à literatura infanto-juvenil, O PE possibilitou o contato com as versões originais dos contos de fadas clássicos, que por sua vez abrangem uma ampla parcela da literatura, visto que tudo que se conhece na atualidade como “Literatura” surgiu a partir das poéticas da oralidade. Ele também contribuiu para o processo de ensino-aprendizagem, ao proporcionar para o professor uma possibilidade de trabalhar a literatura e principalmente o texto literário na integra, sem atribuir sentidos errôneos e/ou equivocados aos contos de fadas.

É importante destacar que o processo de letramento literário é difícil, porque formar cidadãos leitores em uma sociedade não letrada demanda muito trabalho, contudo é uma tarefa muito prazerosa, uma vez que recompensa por esse esforço do professor é evidenciada quando o aluno consegue prosseguir sua caminhada no universo da literatura, tornando, então, o texto literário um aliado em sala de aula e no processo de ensino-aprendizagem. Ademais, cabe ao professor reinventar suas metodologias de ensino da Língua Portuguesa e da Literatura, e em alguns casos, de Redação, para que não se ressinta do tradicionalismo, mas torne suas aulas mais atrativas, prazerosas e criativas.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BARTHES, Roland. **Aula.** São Paulo: Cultrix, 1978.

BASTOS, Renilda Rodrigues. Literatura Infantil: Uma leitura da história. **Sentidos da Cultura.** Belém, n. 2, jan-jun, 2015, p. 65-80.

BUENO-RIBEIRO, Eliana. Traduzir Perrault: Uma Viagem à França do Fim do Século XVII. IN: **Contos de Charles Perrault**. Ilustrações de Gustave Doré. São Paulo: Paulinas, 2016.

COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas.** São Paulo: Ática, 1987.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos:** e outros episódios da história cultural francesa. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

DURÃO, Fabio Akcelrud; CECHINEL, André. **Ensinando literatura:** a sala de aula como acontecimento. São Paulo: Parábola, 2022.

MACHADO, Ana Maria. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

NÓBREGA, Lyéde Ruggero de Barros. **Educar com Contos de Fadas:** vínculo entre realidade e fantasia. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola.** São Paulo: Global, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

1. A letra capitular será utilizada em alusão à escrita tradicional dos contos de fadas. [↑](#footnote-ref-1)
2. Relação decorrente da singularidade e consistência convidativa à exploração dos sentidos que uma obra literária apresenta. [↑](#footnote-ref-2)
3. Refiro-me aos contos escritos após Andersen (1835). [↑](#footnote-ref-3)
4. TOLKIEN, J. R. R. **Árvore e folha**. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2020. [↑](#footnote-ref-4)
5. ROWLING, J. K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. [↑](#footnote-ref-5)
6. COLASSANTI, Marina. **Mais de 100 histórias maravilhosas**. São Paulo: Global, 2015. [↑](#footnote-ref-6)
7. CARTER, Angela. **103 contos de fadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. [↑](#footnote-ref-7)
8. BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. 40. ed. Belo Horizonte: Autêntica infantil e juvenil, 2017. [↑](#footnote-ref-8)
9. ROCHA, Ruth. **O Reizinho mandão.** São Paulo: Salamandra, 2013. [↑](#footnote-ref-9)
10. ROCHA, Ruth. **Procurando firme.** São Paulo: Salamandra, 2009. [↑](#footnote-ref-10)
11. Caso a Escola não disponha de projetor, o(a) professor(a) poderá utilizar materiais impressos para auxiliar sua aula, como por exemplo apostilas. [↑](#footnote-ref-11)
12. Neste site o(a) professor(a) poderá encontrar outras ilustrações de Gustave Doré para auxiliar suas aulas. [↑](#footnote-ref-12)
13. Disponível em: <https://dublagem.fandom.com/wiki/Shrek\_2>. Acesso em 30 jun. 2022. [↑](#footnote-ref-13)
14. Recomenda-se a utilização do site <http://canva.com>, o qual possui diversos layouts gratuitos destinados à elaboração de diversos materiais, dentre eles o e-book. [↑](#footnote-ref-14)